

Do local ao global: a utilização de tecnologias como ferramentas mediadoras do processo de aprendizagem na Geografia

Tiago Vieira Cavalcante* & Juliana Felipe Farias**

Resumo: O referido texto discute a necessidade e a possibilidade de relacionar o ensino de Geografia com as tecnologias, fazendo uma relação entre os aspectos locais e os globais, através da utilização de computadores, som, TV, DVD e Internet, assim como também a consulta a sites e softwares que podem ser utilizados de maneira didática. É enfocado o uso dessas tecnologias como meio de avaliação na produção de determinados materiais feitos pelos alunos. Este trabalho é destinado a todos aqueles que demonstram algum interesse pelas tecnologias e vêem a necessidade de dinamizar o ensino de Geografia através dessa ferramenta.

Palavras-chave: Ensino, Geografia, Tecnologia, Avaliação.

Abstract: This paper discusses the necessity and possibility of relating the geography teaching with the technologies, creating a relationship between the local and the global, through the use of computers, sound, TV, DVD and the Internet, as well as the sites and software consultation that can be used in a didactic way. It is focused the use of these technologies as a way of assessing the production of certain materials made by students. This work is aimed at all those who show some interest in technology and see the need to boost the teaching of geography through this tool.

Key words: Education, Geography, Technology, Evaluation.



* **TIAGO VIEIRA CAVALCANTE** é mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).



** **JULIANA FELIPE FARIAS** é Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) - UFC

Considerações iniciais

A Geografia Escolar sempre esteve atrelada a uma série de aspectos um tanto negativos, principalmente no que se refere à forma como é desenvolvida nas salas de aula. Esses aspectos, como falta de significação dos conteúdos, métodos de memorização e aulas somente teórico-expositivas, são uma constante no cotidiano de muitas escolas, alunos e professores. São reflexos de uma educação geográfica tradicional, muito aquém à geografia acadêmica discutida nos meandros da universidade, sinal do distanciamento entre ambos os espaços (o acadêmico e o escolar).

Todos esses aspectos, aliados a uma didática defasada que há muito parece não acompanhar os processos técnico-científico-informacionais, nas palavras de Milton Santos (2004), onde a informação é o vetor fundamental do processo social, marcada pela difusão rápida e generalizada na totalidade do espaço, contribuem para o atraso da Geografia Escolar. Além disso, possibilidades de mudança são praticamente anuladas frente ao comodismo de alguns docentes. Os velhos clichês de sempre: os professores são mal remunerados, os alunos não querem nada com a vida ou a escola “tá caindo aos pedaços”, não podem mais servir de desculpa (apesar de fazerem parte da realidade escolar brasileira) para o docente não ensinar de maneira correta, ou o que é pior, ensinar de qualquer jeito. Tais aspectos explicam, porém não justificam. Nesse contexto, é preciso usar algo que todos nós possuímos: utilizar a criatividade para tornar o ensino mais dinâmico.

E foi com essa base, a utilização de metodologias criativas, que seminários-aula foram desenvolvidos, junto à disciplina Geografia e Ensino II,

ministrada no Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC. O exercício lançava um desafio: simular um *processo avaliativo* de um conteúdo já ministrado anteriormente em uma aula, fazendo uma ligação entre uma localidade cearense (o local) e um país que a equipe escolhesse (o global).

A atividade proposta foi desenvolvida pelas equipes, algumas com maiores êxitos, outras um tanto mais confusas, mas todas com um ponto em comum: dificuldades de fazer com que os alunos conhecessem alguns aspectos do país proposto selecionado pela equipe. Como ensinar, por exemplo, sobre a culinária portuguesa, seus aspectos naturais e culturais se o aluno nunca esteve lá? A partir de aspectos em comum entre Fortaleza e Portugal? Remetemo-nos, deste modo, quase sempre ao livro didático. Eis a principal dificuldade de abstração do aluno que em meio às aulas de Geografia pouco ou nada conhece dos lugares do mundo, mesmo diante de tecnologias que podem os descortinar.

Dessa maneira, a maior dificuldade seria a de fazer uma relação entre o local e o global, levando-se ainda em consideração o fato de muitas vezes os alunos terem uma base muito restrita de alguns aspectos locais. Determinadas temáticas que não são estabelecidas no currículo escolar, mas são de grande importância passam, assim, despercebidas nas aulas. O termo local é aqui classificado como a cidade ou município no qual o aluno reside, enquanto que o global é definido de maneira mais abrangente, pois se refere aos países que foram escolhidos pelas equipes.

É preciso possibilitar que o aluno faça essa viagem entre o local e o global, saindo do seu cotidiano e conhecendo

outros aspectos curiosos nas localidades extramuros. Mas, é necessária uma ferramenta que possibilite esse processo, e, encontramos nas tecnologias uma mediadora ideal para tornar essa viagem possível.

O Glocal: conhecendo o mundo dentro da sala de aula

A proposição do uso de tecnologias como ferramentas mais didáticas para o ensino da Geografia, não diminui a importância do papel do professor e da escola na educação. Entende-se que tanto a escola como o professor tem aspectos relevantes e indispensáveis à Geografia Escolar. Dessa forma, podemos verificar que a “função da escola e da prática docente é transmitir as novas gerações os corpos de conhecimento disciplinar que constituem nossa cultura” (SACRISTÁN; GÓMEZ, 2000, p. 68).

O problema estaria na maneira como esses “corpos de conhecimento são transmitidos”, pois algumas metodologias tornam os conhecimentos transmitidos nas aulas vazios de significados, sem nenhuma conexão com a realidade dos alunos. Segundo Carvalho (2004) “o problema da falta de significação dos conteúdos não estaria apenas centrado no âmago dos próprios conteúdos, mas como são eles veiculados na escola” (CARVALHO, 2004, p. 112).

Dessa maneira, a Geografia Escolar parece ser algo muito distante da realidade dos alunos, limitada por regras, fazendo com que os conhecimentos geográficos sejam pautados “pela lógica disciplinar de controle de tempo, dos conteúdos e suas técnicas padronizadas” (OLIVEIRA, 2004, p. 63).

Sendo assim, é preciso reconhecer que o “saber acumulado na estrutura

educacional brasileira é substancialmente um lixo, carente de tecnologia e política capaz de reciclá-lo em luxo” (*idem*, p. 62). O que nos leva a defender a utilização das tecnologias como um dos caminhos viáveis para o resgate da Geografia Escolar.

Seria então possível o conhecimento do global, de vários aspectos de outros países, por meio de recursos que facilitem o acesso dentro das salas de aula, no local? É necessário destacarmos que não se pretende relativizar a importância das aulas práticas em campo, pois o uso das tecnologias está aqui proposto para longas distâncias.

A utilização de ferramentas tecnológicas no ensino dinamiza os processos de aprender e ensinar. Tomando como exemplo os seminários-aula, percebemos que o fato das equipes buscarem informações na Internet, e através delas elaborarem os seus métodos avaliativos, tornou a atividade mais dinâmica e interativa.

Foram utilizadas também as chamadas “velhas tecnologias”, como o aparelho de som, para a realização das atividades. São consideradas “velhas” pelo simples fato de já haverem surgido aparelhos mais modernos como os computadores, capazes de reproduzirem som, imagens, textos, vídeos e animações, tudo em um único objeto, num mesmo momento. Podemos afirmar então que a chegada e o uso dos computadores nas escolas provocam uma silenciosa revolução na educação.

Através de um computador conectado a Internet e com acesso a determinados sites e softwares temos a possibilidade de conhecer o mundo na sala de aula, ir até Portugal estando em Fortaleza, basta se conectar a rede de informações em tempo real. Esses aspectos nos remetem

à chamada cibercultura, definida por Bergmann (2007, p. 5) como:

Um conjunto de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento da Internet como meio de comunicação, que surge com a interconexão mundial de computadores.

Assim, as novas tecnologias além de contribuírem para o desenvolvimento de novas formas de pensar e agir, tornaram-se também “objeto de estudo e ferramenta pedagógica que pode contribuir para a realização de novas leituras do mundo” (SILVA, 2005).

Esse acelerado processo de inserção das tecnologias no âmbito escolar tem provocado alguns desconfortos por parte de alguns professores, os quais cogitam a hipótese de serem substituídos por máquinas. Os professores não podem e nem serão substituídos pelos computadores, pois os docentes são mediadores diretos dessa relação. Para compreender o Global e o Local é necessário selecionar essas informações e já possuir alguns aspectos previamente esclarecidos pelos professores.

Sendo assim, de acordo com Citelli (2002, p. 27) “os computadores não podem reproduzir a inteligência humana, senão, no máximo, imitá-la [...] os computadores só exibem pensamentos, já os seres conseguem pensar”. A utilização de computadores na educação deve ter como objetivo mediar à construção do processo de conceituação dos alunos, buscando a promoção da aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades importantes no processo de ensino-aprendizagem.

A evolução das tecnologias permite cada vez mais a integração dos alunos

com as aulas, pois a tecnologia deve ser vista como um elemento cognitivo capaz de facilitar a construção do conhecimento. O uso dos computadores, conectados a Internet, possibilita levar o mundo para dentro da sala de aula.

As tecnologias devem ser utilizadas não para substituir as aulas expositivas e sim para dinamizá-las, pois na falta desses aparatos tecnológicos, devido algum imprevisto, a aula não pode ser adiada, devendo ser utilizadas outras metodologias. E para esse fato, o professor precisa de criatividade para ultrapassar esses impasses que são naturais no cotidiano das aulas.

Identificamos assim uma tarefa de grande relevância para o professor, pois o mesmo seria responsável por orientar seus alunos a utilizar a Internet da maneira mais proveitosa em termos de conteúdos didáticos, desvendando a linguagem complicada dos computadores. Para isso os docentes precisam estar atualizados.

Dessa forma, é possível conhecermos alguns aspectos como os recursos naturais, a cultura, a economia e a política dos mais variados países como Portugal, França, Espanha, Irã, Afeganistão, Bolívia etc.; basta que seja fomentada o uso das tecnologias combinadas com a criatividade, onde o produto final seria um excelente material didático, mais dinâmico e criativo. Esse fato não está limitado ao uso do computador, mas também de outros recursos como som, TV e DVD. O importante é inovar, denotando mais significação aos conteúdos e respeitando o conhecimento prévio de cada aluno.

Possibilidades e limites do uso das tecnologias: os métodos avaliativos

A utilização das tecnologias no cotidiano das aulas de Geografia se configura como a possibilidade de se criar uma interação mediatizada entre professor e aluno, fazendo da Geografia uma das poucas disciplinas capazes de oferecer instrumentos que possibilitam uma leitura mais abrangente da relação sociedade-natureza.

Na Geografia, a utilização de ferramentas tecnológicas, tem “servido para compreender as interações entre as relações da sociedade-natureza [...] além de contribuírem também para a dinamização da prática pedagógica do ensino de Geografia” (SILVA, 2005).

Para muitos docentes, as ferramentas tecnológicas são adequadas para a explicação de um determinado conteúdo em sala de aula, entretanto não possuem uma utilização de caráter avaliativo, ou seja, não substitui o velho questionário decorativo chamado de prova/avaliação.

Pensar dessa maneira é fechar-se para a enorme variedade de formas avaliativas que as tecnologias oferecem, é necessário somente “estratégias de modelação dos instrumentos avaliativos”. Algumas dessas alternativas são apontadas por Oliveira (2004) como “a elaboração de trabalhos finais para a verificação dos conteúdos (cognitivos, procedimentais e valorativos) podem ser feitos com a criação de jornais, revistas, folhetos” (OLIVEIRA, 2004, p. 67). Podem ser preparados também CD's, guias de educação e trabalhos (midiáticos) para serem apresentados para toda a turma.

Os métodos avaliativos não podem e nem devem se resumir somente as notas, as quais avaliam apenas a capacidade de memorização e escrita dos alunos. E os aspectos como

sociabilidade, criatividade e curiosidade, dentre outros, tão defendidos e estabelecidos nos documentos escolares, são também avaliados em uma prova tradicional?

De acordo com Sacristán e Gómez (2000, p. 68) “a exigência escolar de aprendizagem dos conteúdos disciplinares, não pode senão incorporá-los de maneira arbitrária, memorialística, superficial ou fragmentaria”. É preciso usar de outros métodos que despertem nos alunos o senso crítico e observador, e utilizar as tecnologias, ou melhor, induzi-los a utilizá-la, é um meio ideal de estimular esses alunos.

Nesse contexto, o aluno surge não como um receptor passivo de informações, mas como um elemento ativo que interage com esses conteúdos, pois a aprendizagem nada mais é que um processo de transformação que tem na escola o seu elemento facilitador.

Em suma, é possível produzir um trabalho bastante detalhado referente aos aspectos em comum entre o local e o global. Através da Internet é possível fazer essa pesquisa, montar um produto didático e apresentar para o professor. Essa atividade seria mais proveitosa, em termos de assimilação de conteúdo e caráter avaliativo, do que decorar respostas para determinado número de questões, receber a nota e, no outro dia, esquecer de tudo, pois essas informações foram vazias de significado.

A Geografia, mais do que qualquer outra disciplina requer uma atividade avaliativa prática, pois entender relações sócio-espaciais não se resume ao livro didático, necessitam de ferramentas que aperfeiçoem esse processo.

Considerações finais

No contexto do trabalho, o uso de novas tecnologias foi percebido como um possibilitador de novas mediações conteúdo-aluno, que valoriza o processo de ensino e aprendizagem. As utilizações de novas ferramentas nas salas de aula promovem uma maior interação entre o professor e aluno, e consequentemente, uma maior compreensão das temáticas que são abordadas nas aulas.

Ensinar na perspectiva de um tradicionalismo, marcado pela figura “autoritária” do professor, por conhecimentos “soltos”, que não estabelecem qualquer vínculo com o cotidiano dos alunos, e o que é pior, não estimulam a aprendizagem, é condenar os alunos ao acesso a informações superficiais, tornando-se sujeitos passivos no processo de desenvolvimento da sociedade.

Dessa maneira, acreditamos que o uso de ferramentas tecnológicas, que se configuram em materiais que tornam as aulas mais atrativas e dinâmicas, colabora para o aperfeiçoamento das aulas, fugindo dos métodos tradicionais e utilizando-se dos preceitos do construtivismo, marcado pela valorização do aluno enquanto sujeito crítico e atuante na sociedade.

Enfim, a utilização de novas ferramentas pedagógicas, como as tecnologias, é algo que deve ser valorizado no âmbito das instituições de ensino, pois são materiais repletos de informações que facilitam a atividade docente e a assimilação dos conteúdos.

Referências

BERGMANN, Helenice M. B. Ciberespaço e cibercultura: novos cenários para as sociedades, a escola e o ensino de geografia. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 43, p. 1-6, 2007.

CARVALHO, Maria I. O contrário também pode acontecer: ponderações curriculares sobre a Geografia Escolar. In: SANTOS, Jémisson M. dos; FARIA, Marcelo (orgs). **Reflexões e construções geográficas contemporâneas**. Salvador, 2004.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento**. 2ª ed. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

OLIVEIRA, Christian D. M. de. Ensino de Geografia e Ciências da comunicação: por uma geografia mundana. **Mercator**, v.3, n.6, p. 61-69, 2004.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. **Comprender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SILVA, Valdenildo P. da. **Novas tecnologias no ensino de geografia: possibilidades e limites em questão**. Rio de Janeiro: UFRJ/ PPGG/ IGEO, Tese de Doutorado em Geografia, 2005.